
Interfaces entre Jornalismo, estudos de recepção e pessoa com deficiência: apontamentos e perspectivas¹

Felipe Collar BERNI²
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO

O presente trabalho traz reflexões e apontamentos, voltado ao estudo de recepção, tendo como objeto o consumo jornalístico da pessoa com deficiência intelectual e as mediações envolvidas nesse processo. Como justificativa para a realização dessa pesquisa, temos a escassez de perspectivas que envolvam o campo do jornalismo na sua interface com os estudos de recepção, além da oportunidade de compreender a pessoa com deficiência como público e sua relevância para pensar o Jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; recepção; mediação; pessoa com deficiência; cidadania.

Introdução

A reflexão apresentada nesse texto surgiu a partir da compreensão quanto à necessidade do Jornalismo conhecer seus públicos, conseqüentemente, suas especificidades, seus hábitos e culturas³. Outra preocupação surge provocada a partir do reconhecimento do Jornalismo como um serviço público (PENA, 2005, p. 107), daí a defesa do direito de comunicação como parte da luta por cidadania. Tendo a “preocupação com o desenvolvimento de políticas democráticas de comunicação, que oportunizem a produção de conteúdos” (SEGATTO; WOITOWICZ, 2014, p.89), além da percepção em construir conteúdos que atentem para as especificidades e inclusão de cada grupo, tais pontos se tornam força propulsora para o desenvolvimento da proposta. De forma específica, as pessoas com deficiência, seja ela de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, representam 23,9% da população brasileira, segundo o Instituto

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG. Bacharel em Comunicação e Mídias pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: felipecollar@gmail.com.

³ Esse texto surge a partir das reflexões para elaboração do projeto de pesquisa no mestrado, em fase inicial de delimitações e encaminhamentos, iniciada em março do presente ano.

Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010)⁴. Com isso, a expressividade desse público “requer direitos à igualdade de condições e a equiparação de oportunidades [...], pois, pessoas com deficiências são, antes de tudo, seres humanos; que como quaisquer outras, com protagonismo, peculiaridades e singularidades” (COLLAR; MAIO, 2016). Pensar a cidadania dessas pessoas se esbarra, também, na acessibilidade e cuidado dos meios de comunicação durante a construção e veiculação de seus conteúdos.

Nesse sentido, partindo como eixo central para o desenvolvimento da pesquisa a relação jornalismo e público, tendo as pessoas com deficiência intelectual como atores, busca-se construir um estudo de recepção jornalística que dê conta de discutir hábitos de consumo, de apropriação, circulação e acessibilidade de conteúdos para um público que tem especificidades e necessidades particulares. A questão que norteia a proposta se dá em perceber de que forma as pessoas com deficiência intelectual apoderam os conteúdos jornalísticos veiculados nos meios de comunicação audiovisuais e quais sentidos produzem após seu consumo nas relações cotidianas?

Não compete a essa pesquisa adentrar nas discussões sobre pessoa com deficiência nas especificidades da literatura das Ciências da Saúde, haja vista a complexidade das discussões, suas particularidades e singularidades no campo da Medicina e Psicologia. Porém, se faz necessário apoiar-se em estudos que nos deem base no trato com os atores pesquisados, daí a opção de buscar referencial na interface com a Educação, haja vista que se trata de um campo melhor estruturado quanto aos atravessamentos e preocupações quanto à deficiência.

Num exercício de conceituação prévia em relação ao que podemos entender como deficiência intelectual, Shalock (2010, p. 6 apud MILLAN; SPINAZOLA; ORLANDO, 2015) nos apresenta um entendimento:

é uma incapacidade caracterizada por limitações significativas tanto no funcionamento intelectual (raciocínio, aprendizado, resolução de problemas) quanto no comportamento adaptativo, que cobre uma gama de habilidades sociais e práticas do dia a dia.

Assim, a deficiência intelectual pode ser manifestada em relação a prejuízos nas funções envolvendo raciocínio, solução de problemas, planejamento, pensamento

⁴ Ao todo, segundo o IBGE, são 45.606.048 brasileiros que possuem algum tipo de deficiência visual, auditiva, motora e mental ou intelectual.

abstrato, juízo, aprendizagem pela educação escolar, experiência cotidianas e compreensão prática.

Inclusão comunicacional: avanços e estagnações

Quando buscamos suporte teórico e empírico para refletir comunicação e pessoa com deficiência nos deparamos com pesquisas que avançaram no trabalho de construir perspectivas de inclusão desse público para com os conteúdos produzidos e veiculados por diferentes mídias.

Numa busca rápida no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando os filtros ali disponíveis para a busca, quando acionada a Grande Área de Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas; posteriormente a Área de Conhecimento e de Avaliação: Comunicação, o portal apresenta 4.310 trabalhos resultados para “pessoa com deficiência”, a partir do ano de 1998. Nesse sentido, é nítido o considerável volume de pesquisas tendo os diversos tipos de deficiência como público, mas numa primeira garimpagem é possível notar que a consolidação das pesquisas traz como característica as deficiências visuais, auditivas e motora, majoritariamente. Há falta de produções que privilegie estudos atravessados pela deficiência intelectual. Quando pensamos em pesquisas a partir das especificidades do Jornalismo, o número reduz drasticamente⁵.

Do corpus de pesquisas constituídos num total de sete grupos de Pesquisa registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ, na Grande Área das Ciências Sociais Aplicadas e de forma específica, a Comunicação. Resultado esse que filtrado a partir das palavras-chaves: “acessibilidade” e “deficiência”. São iniciativas que ajudam a caracterizar e constituir o campo da Comunicação na sua interface com as especificidades da pessoa com deficiência. A Tabela 1 apresenta a denominação de cada um, a Universidade sede do grupo, além da linha de pesquisa que permeia o objetivo da busca, sua formação e número de pesquisadores. Quando esmiuçamos a atuação de cada grupo, é percebida a vanguarda nas preocupações específicas do Jornalismo no *GJAC – Jornalismo, Mídia, Acessibilidade e Cidadania*⁶, da Universidade Federal da Paraíba,

⁵ A precisão é impossibilitada pelas limitações de busca no portal da CAPES.

⁶ Disponível em: <<https://jornalismoecidadaniaufpb.wordpress.com/gjac-grupo-de-pesquisa-em-jornalismo-midia-acessibilidade-e-cidadania-ufpb/>>; Acesso em: 17 jun. 2019.

que toma o campo jornalístico, através da análise de suas rotinas e produtos como lugar privilegiado para pensar sobre acessibilidade e cidadania.

Tabela 1 - Grupos de Pesquisa da área da Comunicação na interface com acessibilidade, inclusão e deficiência certificados pelo CNPQ;

Grupo	Sede	Linha de pesquisa	Ano	Membros
Afetos: Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades	UFMG	Comunicação, acessibilidade e vulnerabilidades	2017	15
CIDATA_lab: ambiente criativo de pesquisa e inovação em mídia e mobilidade	UFRB	Mobilidade e Jogos; Mídia Sonora	2014	08
COM Acesso - Comunicação Acessível	UFRGS	Comunicação e acessibilidade; Educação Inclusiva; Mediação Cultural Acessível	2017	17
GJAC – Jornalismo, Mídia, Acessibilidade e Cidadania	UFPA	Jornalismo: Cidadania e Ética; Mídias Audiovisuais e Encenações da Diversidade; Acessibilidade e Cidadania;	2013	13
Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo	UFSC	Telejornalismo, Educação, Saúde e Acessibilidade	2009	06
Mídia e Design	UNIDAVI	Acessibilidade	2013	01
t3xto	UNIPAMPA	Fluxos Textos transmidiáticos	2011	39

Fonte: Diretório de Grupo de Pesquisas no Brasil (CNPQ)⁷

De forma específica, algumas teses e dissertações contribuíram para o fomento das bibliografias, destaco três. Saker (2010), apresenta uma análise do tratamento dado pelo jornalismo brasileiro às pessoas com deficiência, além de observar de que forma ocorre a formação de estigmas em relação a tal setor da sociedade e constatar quais são os motivos para esta estigmatização. Em seus estudos, Bonito (2015) teve como objetivo investigar os processos comunicativos presentes nos usos e apropriações de conteúdos digitais por usuários com deficiência visual na perspectiva de sua cidadania.

⁷ Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf>. Acesso em: 17 jun. 2019

Souza (2004) a partir de uma análise semiótica aplicada ao sistema Braille, busca refletir numa perspectiva antropológico-histórico-comunicativa, investigar laços existentes entre esse tipo de escritura em relevo e a cultura mais ampla.

Não procuro sentenciar que não existem trabalhos que se preocupem em debater o Jornalismo ou até a Comunicação, em seu contexto mais amplo. A dificuldade de encontrar conteúdos desse teor a partir do levantamento que pude realizar, de forma manual nas plataformas de pesquisa disponíveis na Internet, também provocou a construir essa proposta de pesquisa.

Preocupações e porquês

De maneira geral, a pesquisa busca analisar as apropriações que as pessoas com deficiência intelectual fazem dos conteúdos jornalísticos transmitidos pela televisão e pelo rádio. Permeando também a perspectiva das mediações culturais na ampliação da “compreensão dos processos comunicacionais, considerando suas multidimensionalidades constitutivas, suas complexidades e contradições” (BONIN, 2018, p. 60).

Pensando especificamente, a pesquisa procura identificar os hábitos de consumo jornalístico da pessoa com deficiência; também, analisar a interação que as pessoas com deficiência têm com os meios de comunicação; além de explicitar apropriações que esses atores fazem da TV e do rádio; por fim, avaliar a influência do conteúdo jornalístico nas relações cotidianas, a partir da noção do jornalismo como construção social da realidade (ALSINA, 2009).

Pensar a pessoa com deficiência como público traz a possibilidade do jornalista conhecer suas especificidades e suas necessidades, incorporando esses preceitos nas rotinas produtivas, seja na redação jornalística, veiculação e acessibilidade. Portanto, quando o Jornalismo conhece a coletividade para quem se produz, se apodera de mecanismos para buscar prestar seu serviço de forma condizente e cidadã. Não se propõe aqui produzir um produto jornalístico específico para a pessoa com deficiência, pois estaríamos cada vez mais marginalizando-os; ao contrário, busca-se trazer esse público para um consumo honesto e respeitoso para com suas necessidades.

A escolha por abordar os produtos jornalísticos em áudio e audiovisuais se deram por condições específicas dos atores da pesquisa, uma vez que o

desenvolvimento relacionado à leitura acaba sendo prejudicado. Outro fator, obtido a partir de uma primeira pesquisa exploratória⁸ com esse público se deu na constância dos seus relatos da presença dos aparelhos de televisão e de rádio no seu cotidiano, além das marcações temporais que são dados a partir dos conteúdos fornecidos pelos meios de comunicação.

Uma das forças propulsoras por desenvolver uma pesquisa a partir dos estudos de recepção se deu pela intenção em fomentar trabalhos que buscam perceber os usos sociais da mídia, quando o campo privilegia os próprios meios e os sentidos postos em circulação pelos textos midiáticos (ESCOSTEGUY, 2007). A escassez de publicações tendo o Jornalismo como objeto nos estudos culturais foi outra provocação. Numa pesquisa no Portal de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), tendo como filtro o termo “recepção”, a partir da grande área Ciências Sociais Aplicadas e área Comunicação foi possível encontrar 614 trabalhos. A consolidação dos estudos de recepção é visível, principalmente quando olhamos a quantidade de pesquisas ao passar dos anos. No entanto, acionada a área de concentração ou nome do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo encontrou três resultados, duas dissertações, Azevedo (2006) e Souza (2018b); e uma tese, André (2018). Alerto e compreendo que a utilização do termo “recepção” como filtro possa ter limitado a busca, uma vez que muitos processos metodológicos se apropriam de técnicas de recepção para coleta de dados e que não necessariamente seja o centro do trabalho empírico. Mas é prudente reconhecer os filtros de busca como opções metodológicas para levantamento desses estudos, muitas vezes para driblar o tempo e avançar nas reflexões. Dado isso, vemos ainda sim o baixo número de publicações chama a atenção, quando pensamos que apenas três publicações deram atenção e reconheceram os estudos de recepção como peça chave para a construção da pesquisa.

Além do baixo número de pesquisas, a opção pelos estudos de recepção se dá justamente por seus aspectos específicos: integrador, holístico, contextual e conjuntural, uma vez que as “análises têm como meta focar nos conflitos, nas negociações e nos

⁸ Em um contato prévio e exploratório, realizado em abril de 2019, na construção da pesquisa de mestrado, verificou-se o contexto histórico de cinco alunos com algum nível de deficiência intelectual da turma da Educação de Jovens e Adultos da APAE de Santa Fé (PR), além de seus hábitos de consumo de rádio e televisão. O resultado do questionário mostrou que todos os entrevistados possuem aparelho de rádio e TV em casa, além de ter em sua rotina espaço para assistir e ouvir conteúdos transmitidos por esses meios.

consensos que estão em tensão na realidade social, politizando a esfera da cultura” (ESCOSTEGUY, 2018, p.107). É prudente reconhecer que quando falamos em Estudos Culturais e seus desdobramentos estamos falando de uma possibilidade de estudos que permeia o jornalismo a partir de suas interfaces. Escosteguy (2018, p. 102) salienta que “o enquadramento da interdisciplinaridade é imprescindível porque as problemáticas e perguntas sobre o cultural, construídas dentro deste campo, exigem mais do que um enfoque e/ou uma metodologia associados a uma disciplina específica”.

Outra compreensão fundamental é que não se busca quantificar a pesquisa nos moldes de uma pesquisa de medição ou verificação de audiência. Longe disso, busca-se compreender como um determinado grupo constrói sentidos a partir daqueles conteúdos consumidos, que muitas vezes essas experiências são atravessadas por vivências mediadas por questões culturais, religiosas etárias, étnicas, de gênero, de classe, manifestações essas que se tornam difíceis de serem percebidas num primeiro olhar, desse modo a necessidade de um aparato metodológico que dê conta de uma aproximação em busca de entendimentos. É a partir da cultura, segundo Martín-Barbero (2003), que conseguimos fazer esse exercício de observação e compreensão dos sentidos produzidos. Portanto, partimos da concepção trazida por Martín-Barbero (1995, p. 39 apud JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 54): “a recepção não é apenas um etapa do processo de comunicação. É um lugar novo, de onde vemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação”. Sendo um lugar novo, é prudente conhecê-lo.

Quadro teórico de referência

A base teórica para a construção da pesquisa se dá a partir de três frentes: Estudos Culturais, Jornalismo e cidadania-inclusão. Quando falamos em estudos de recepção, propomos a necessidade de compreender a recepção/consumo como uma das etapas do processo comunicacional interligada com as demais: produção e circulação. Recepção não apenas como comportamento, comungando com a defesa de Escosteguy (2007), mas concebidas como estruturas de compreensão, produzidas por relações sociais, econômicas e de poder. Nesse sentido, se faz prudente abandonar o entendimento que guiou as ideias hipodérmicas, que colocava o receptor como fim e nada mais, partindo então para uma valorização da capacidade desse sujeito em produzir sentidos para com essa informação ora recebida. Nessa perspectiva, Bonin (2018) sintetiza chaves de

pensamento de Jesús Martín-Barbero presente em seu livro *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (1997), no que comporta às investigações dos processos de recepção: compreender a comunicação em sua complexidade e a recepção na sua inter-relação com as demais instâncias; o contexto como fator preponderante para os processos comunicacionais a partir de suas dimensões socioculturais, políticas, históricas e econômicas; as múltiplas experiências e vivências de um sujeito como configuradoras de suas culturas, de suas subjetividades e marcas de seus processos de produção de significações; e por fim, como a produção de sentido na recepção pode carregar afinidades, cumplicidades, contradições, ambiguidades, resistências, apropriações e mesmo subversões em relação às ofertas simbólicas midiáticas. Segundo Escosteguy (2018, p. 107) “as análises têm como meta focar nos conflitos, nas negociações e nos consensos que estão em tensão na realidade social, politizando a esfera da cultura”.

Partindo do proposto por Martín-Barbero, a análise cultural dialoga portanto com uma visão incorporada e globalizante da produção, circulação e consumo dos conteúdos culturais, não se moldando a partir da especificidades de uma única disciplina. Trazendo as preocupações do campo jornalístico nesse processo, se faz prudente mensurar os conteúdos produzidos e veiculados para os programas jornalísticos nos meios de comunicação de massa. Portanto, pensar o Jornalismo como construção social da realidade (ALSINA, 2009) e como forma de conhecimento (GENRO FILHO, 2012; MEDITSCH, 1998). Nesse sentido, Meditsch (1998), defende o Jornalismo como uma forma de produção de conhecimento que tanto pode servir para reproduzir outros saberes quanto para degradá-los, além de entender que o Jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, mas reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. Assim, Genro Filho (2012) entende a imediaticidade do real como ponto de chegada, ao passo que o Jornalismo como gênero de conhecimento difere da percepção individual pela sua forma de produção e, ao se fixar na imediaticidade do real, o Jornalismo opera no campo lógico do senso comum.

Outra constante necessária é pensar as rotinas produtivas dos meios de comunicação de massa e quais pressupostos de público estão inseridos nelas. Articulando na hipótese, onde as rotinas deixam de atender a variedade de público?

Estes são pontos de partida para construir um entendimento de público e audiência, além de provocar uma atenção e busca da pessoa com deficiência nessa categoria. Para fundamentar a análise em relação à construção e seleção da notícia, com Tuchman (1983) e Shoemaker e Vos (2011), nos alicerça.

Por fim, partindo da interface com a Educação para construir conhecimento em relação às pessoas com deficiência, buscará apresentar o que pode ser entendido como deficiência intelectual (LANNA JÚNIOR, 2010), além de contribuir para reflexão sobre autonomia e inclusão comunicacionais, tendo a acessibilidade como norte (SOUZA, 2018a).

Delimitações metodológicas

As especificidades dos atores que serão investigados nessa pesquisa, como por exemplo, a dificuldade da escrita e da leitura, foram determinantes para as escolhas metodológicas que guiaram o estudo. A busca por técnicas que exploram a fala dos entrevistados foram valorizadas.

O percurso metodológico para a condução da pesquisa encontra na etnografia técnicas possíveis para coleta, articulação e análise de dados. Ao definir o método para o estudo de recepção, Bonin (2018) alerta que as formulações metodológicas para entender os processos de recepção devem ser construídas em perspectivas complexas e em afinidade com as realidades investigadas, abandonando a práxis de contextualização, além das perspectivas históricas

construídas para descortinar as trajetórias de constituição comunicacional e midiática de sujeitos (em dimensões étnicas, de gênero etc.), de suas culturas e subjetividades e as histórias de vida midiática, centradas na recuperação das trajetórias de relações com os meios e na apreensão da constituição de suas culturas midiáticas. (BONIN, 2018, p.67).

Caminhar para uma abordagem qualitativa impulsiona o entendimento de especificidades e detalhes que uma metodologia metodicamente conduzida não se deixa tocar (BECKER, 1997a). A flexibilidade nos procedimentos que Becker (1997a) explícita traz riqueza aos dados e se dá no cruzamento de conclusões, na utilização de medidas não-convencionais sugeridas pela experiência na situação, como também o uso da própria experiência do pesquisador como evidência.

A entrevista em profundidade apresenta como possibilidade de coleta de sentidos que vão além do que é possível quantificar, possibilitando a interpretação e reconstrução desses dados colhidos pelo pesquisador.

Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilita ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações. (DUARTE, 2012, p. 62).

Por sua vez, a técnica de pesquisa a partir de histórias de vida, conforme defendida por Bonin (2018), auxiliam na elucidação e compreensão das trajetórias de constituição comunicacional e midiática de sujeitos, de suas culturas e subjetividades, uma vez que nos fornece uma visão subjetiva dos processos, além de riqueza de detalhes. Becker (1997b) ao defender a história de vida como mosaico científico, lembra a possibilidade de coleta de materiais úteis para a formulação de uma constatação mais geral, com cada parte contribuindo para a compreensão de um todo. Tendo o cuidado de reconhecer que a história de vida não propicia por si só a prova definitiva de uma proposição, ela pode dar pistas de entrada para a compreensão ou até mesmo pistas de abandono em relação a teoria que não se sustenta.

Contribuindo para a necessidade de coleta de informações que atendam às especificidades da pesquisa e dos atores ora investigados, a história oral também contribui para com os estudos de Jornalismo. Ribeiro (2015) esquematiza contribuições para se pensar. Pela oralidade, conhecemos dados inexistentes em arquivos, além de conhecer informações a partir de narrativas de quem viveu; “mais importante que o factual, é o significado que ele adquire para quem lembra” (RIBEIRO, 2015, p. 75), objeto central para os estudos de recepção, além da lógica mobilizada nos processos de construção dos relatos. Seguindo na ideia do mosaico científico, os relatos nos ajudam na compreensão social, cultural, econômica, estética e política de um determinado contexto, no que compete a pesquisa os das pessoas com deficiência e sua rede de sociabilidade.

Considerações finais

O projeto busca, portanto, contribuir para refletir a relação do Jornalismo e seus públicos para o exercício de produção da notícia cada vez mais consciente quanto a

produção, circulação e consumo. Pensar o consumo especificamente com deficientes intelectuais é reconhecer a necessidade de entender lógicas e processos de apropriação e construções de sentidos desses público a partir dos conteúdos jornalísticos. As escolhas de atores como corpus da pesquisa ainda carece de delimitações, quanto a quantidade e características. As leituras e o aprofundamento nas especificidades da pessoa com deficiência não de contribuir para as escolhas.

Os desafios enfrentados até agora na estruturação da pesquisa em recepção jornalística de um grupo tão específico se apresentam em três frentes. Primeiro, o trabalho de aprofundamento em relação aos Estudos Culturais na interface com o Jornalismo. Deslocar o foco dos processos produtivos jornalísticos para priorizar o exercício de compreensão dos sentidos dados pelos receptores aos conteúdos veiculados se torna provocante quando pensamos no baixo volume de produções nesse sentido, daí a necessidade de um empenho nas articulações teóricas e metodológicas. Um esforço similar caminha nas preocupações de aproximar as especificidades da deficiência intelectual com o campo da Comunicação e também, do Jornalismo. É justo reiterar que pesquisas preocupadas com a acessibilidade comunicativa avançaram no nosso campo, porém esses estudos, majoritariamente, tratam de condicionantes das deficiências visuais, auditivas e físicas, colocando as demais numa posição de invisibilidade, daí um estímulo em trazê-las ao debate, mesmo que de forma específica e considerando as limitações de uma dissertação.

Por fim, o trato para com os atores da pesquisa se apresenta como quesito de destaque nas nossas reflexões e encaminhamentos metodológicos. As suas particularidades, ritmos e limites são características que precisam ser respeitadas, resguardadas e estudadas. Isso posto, o cuidado no levantamento de bibliografias que atentam para essas especificidades das pessoas com deficiência intelectual também se apresentam como provocações para o desenrolar da pesquisa.

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ANDRÉ, Hendry Anderson. **‘Violência fascinante em vidas tão normais’: estigmatização e invisibilidade social na recepção de noticiários criminais**. 2018. 528 f. Tese (Doutorado em Jornalismo), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

AZEVEDO, Aline Fernandes de. **Recepção: heterogeneidade e negociações de sentidos. O jornalismo político e os sujeitos leitores das revistas semanais.** 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BECKER, Howard. Evidências de trabalho de campo. In. _____. **Métodos da pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Hucitec, 1997a. p.65-100.

_____, Howard. A história de vida e o mosaico científico. In. _____. **Métodos da pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Hucitec, 1997b. p.101-115.

BONIN, Jiani Adriana. Dos meios às mediações: chaves epistêmicas, teóricas e metodológicas legadas à pesquisa de recepção. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p.59-73, set/dez. 2018.

BONITO, Marco. **Processos da Comunicação Digital deficiente e invisível: Mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas Pessoas com deficiência visual no Brasil.** 2015. Tese (Doutorado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

COLLAR, Maria Izabel; MAIO, Eliane Rose. Avanços e desafios das políticas públicas para pessoas com deficiência. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, 2016.** Curitiba : SEED – PR, 2018.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p.115-135, nov. 2007.

_____, Ana Carolina. Estudos culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: mais afinidades do que disputas. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 1, p.99-113, jan/abr. 2018.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 62-83.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e recepção.** São Paulo: Hacker Editores, 2005.

LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins (Comp.). **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil.** - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como forma de conhecimento. **Intercom**, São Paulo, v. 21, n. 1, p.25-38, jan./jun. 1998.

MILLAN, Ana; SPINAZOLA, Cariza; ORLANDO, Rosimeire. Deficiência intelectual: caracterização e atendimento educacional. **Educação**, Batatais, v. 5, n. 2, p. 73-94, 2015.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo. Editora Contexto: 2005.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. **Contracampo**, Niterói, v. 32, n. 2, p. 73-90, abr./jul. 2015.

SAKER, Fernando A. Simões. **Jornalismo e pessoas com deficiência: Construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação**. 2010. Dissertação (Mestrado), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010.

SEGATTO, Karine; WOITOWICZ, Karina. Acessibilidade e interatividade no webjornalismo da Ibero-América: reflexões sobre o direito à comunicação e cidadania para pessoas com deficiência. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, v. 18, p. 89-101, jan/dez. 2014.

SHOEMAKER, Pamela J; VOS Tim P. **Teoria do gatekeeping**: construção e seleção da notícia. Porto Alegre, Penso, 2011.

SOUZA, Joana Belarmino de. **Aspectos comunicativos da percepção tátil: a escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura**. 2004. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____, Joana Belarmino de. Cegueira, Acessibilidade e Inclusão: Apontamentos de uma Trajetória. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 564-571, 2018a.

SOUZA, Luana Sandra de. **Os processos de recepção telejornalística no distrito rural de Itaiacoca**. 2018. 132 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018b.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**: estudio sobre la construcción de la realidade. Barcelona: Bosch, 1983.